

O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1968 NA CIDADE DO MÉXICO VISTO ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA

Alberto Del Castillo Troncoso*

Resumo: A história do movimento estudantil de 1968 no México tem sido estudada a partir de diferentes ângulos e enfoques nos últimos quarenta anos. Contudo, não se analisa o papel estratégico desempenhado pelas fotografias no desenrolar dos acontecimentos. Neste artigo faz-se uma revisão da cobertura foto-jornalística sobre o 68 no México, e se colocam alguns problemas e questionamentos decorrentes dos diversos interesses políticos e ideológicos que subjazem à proposta fotográfica dos jornais diários e revistas. A cobertura fotográfica dos jornais e revistas no México foi muito ampla e obedeceu, em termos gerais, aos lineamentos ditados pelo regime de partido de Estado que governava o país naqueles anos.

Palavras-chave: foto-jornalismo, notícia, movimento estudantil, política.

Abstract: The history of the '68 student movement in Mexico has been studied from different angles and perspectives in the last 40 years. However, the strategic role played by photography in the period has been long ignored. This article aims to review the photojournalistic coverage on the Mexico '68 student movement, as well as to discuss some of the problems underlying the political and ideological orientations of newspapers and magazines. The photographic of Mexican newspapers

* Professor da Escola Nacional de Antropologia e História e pesquisador do Instituto Mora, do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia do México. (adelcastillo@mora.edu.mx).

and magazines was quite comprehensive and followed at large the orientations of the political party that ruled the State at the time.

Key words: photojournalism, news, student movement, politics.

Os inícios do movimento estudantil

No ano de 1968 surgiram rebeliões e movimentos estudantis em várias cidades ao redor do mundo, abrangendo desde Paris e Nova Iorque até Praga e Rio de Janeiro. A maioria destas revoltas protestava contra o planejamento dos programas de estudo, o autoritarismo dos governos e a falta de liberdade nos diferentes âmbitos da vida política e cultural. A maioria teve como cenário o protesto contra a guerra do Vietnã, um país pobre e insignificante, cuja obstinada resistência contra o exército americano tornou-se um símbolo da época.

No caso do México, o regime político do PRI (Partido de la Revolución Institucional), herdeiro da revolução mexicana, tinha consolidado o seu controle sobre as organizações de trabalhadores e camponesas e mantinha a estabilidade política da nação, mas a um custo muito alto, ou seja, limitando a participação democrática de diferentes setores sociais. Em relação aos estudantes do ensino superior, houve rebeliões importantes por diversos motivos, ao longo da década dos sessenta, em cidades do interior do país, como Puebla, Morelia e Hermosillo, que foram reprimidas pela polícia e pelo Exército. No entanto, ninguém teria imaginado nas tradicionais previsões de Ano Novo, nos primeiros dias de janeiro de 1968, que ocorreria a revolta estudantil mais importante do século no México e que, para o regime, começaria uma longa crise que transformaria profundamente a realidade política do país.

Pelo contrário, a atenção da imprensa e da opinião pública estava concentrada naquele momento nos preparativos para a realização do XIX Jogos Olímpicos que seriam realizados na Cidade do México no mês de outubro. O Comitê Olímpico Internacional havia organizado várias atividades culturais, e a televisão e os meios de comunicação estavam prontos para realizar o percurso da tocha olímpica desde Atenas até a Cidade do México, com um evento noturno especial que seria realizado nas famosas ruínas pré-hispânicas de Teotihuacan, berço da civilização indígena na Mesoamérica. O regime revolucionário era apresentado

com orgulho pelo legado das suas antigas tradições milenárias e pela conquista da modernidade nas últimas décadas.¹

Durante o primeiro semestre de 1968 aconteceram importantes conflitos estudantis nos Estados Unidos e na França que ocuparam a atenção da opinião pública internacional e se espalharam por diversas latitudes. Entretanto, o México permanecia em calma, aparentemente encantado com a festiva atmosfera pré-olímpica gerada basicamente pela mídia. As coisas deram um giro de cento e oitenta graus no final do mês de julho daquele ano, quando a polícia da capital reprimiu fortemente a um grupo de estudantes do ensino médio na Praça da *Ciudadela*, perto do centro histórico da cidade, onde estava a sede dos poderes políticos e eclesiásticos, como o Palácio Nacional e a Catedral Metropolitana. Os policiais lançaram-se contra os jovens e, inclusive, contra os seus professores dentro das escolas.

O protesto estudantil espalhou-se nas outras escolas da vizinhança, e o Centro Histórico foi cenário, nos seguintes dias, de sangrentas batalhas entre estudantes contra policiais e o corpo de policiais de controle da ordem², o que culminou com a entrada do exército, tornando essa zona da cidade num não muito dissimulado estado de sítio. Na noite do dia 30 de julho os soldados destruíram, com uma bazuca, a porta barroca do antigo Colégio de San Ildefonso, uma relíquia histórica do século XVIII e ocuparam com sangue e fogo alguns colégios de ensino médio da Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM) e do Instituto Politécnico Nacional (IPN), os dois organismos públicos mais importantes de educação superior no México, com um saldo trágico de vários mortos e centenas de presos.

Todos os analistas apontam para o excesso de violência provocado pelo exército e pela polícia nesta etapa. A única resposta das autoridades foi declarar a existência de uma suposta rebelião comunista internacional que ameaçava a realização das Olimpíadas e aspirava atentar contra a estabilidade do governo.³

No dia seguinte, o engenheiro Javier Barros Sierra, reitor da UNAM, içou a bandeira nacional a meia-haste, em sinal de luto, para protestar contra a intervenção do exército e declarou aos meios de comunicação que a autonomia universitária tinha sido violada. Ele também presidiu uma passeata que percorreu a Avenida Insurgentes

(umas das principais avenidas do sul da cidade) até Felix Cuevas, em que participaram aproximadamente 100 mil estudantes e professores, e que foi muito bem recebida por diversos setores sociais, incluindo o Colégio de Engenheiros e um bom número de associações profissionais independentes. A passeata liderada pelo reitor parou os ataques posteriores do governo contra os estudantes nos dias seguintes, neutralizou a campanha orquestrada pelos meios de comunicação contra os estudantes e permitiu a organização de um Conselho Nacional de Greve (CNH, Consejo General de Huelga, em espanhol), com representantes das diversas faculdades e colégios da UNAM e do IPN. A postura do reitor Barros Sierra na defesa dos estudantes marca uma diferença fundamental em relação às posições de subordinação ao governo que caracterizaram o resto da América Latina durante aqueles anos e, portanto, constitui uma das características singulares e originais do movimento estudantil do México.⁴

O Conselho Nacional de Greve desempenhou um papel fundamental nos três meses de greve universitária e proclamou no dia 5 de agosto uma declaração, que reclamava o cumprimento das seguintes condições para permitir a volta às aulas: a demissão dos chefes de polícia Luis Raul Cueto e Mendiola; indenizações às famílias dos estudantes mortos e feridos; desaparecimento do corpo de policiais de controle da ordem; eliminação do delito de “dissolução social” do Código Penal, com o qual o governo desqualificava seus críticos e dissidentes e podia rotulá-los como “traidores” da pátria; a libertação dos presos políticos e o deslinde de responsabilidades aos autores da repressão e do vandalismo dos dias anteriores. Em resumo, esta declaração abordava aspectos generalizados e de fácil solução num regime democrático. No caso do regime do partido de estado que governava o México naqueles anos, a declaração implicava um questionamento do princípio da autoridade do regime e, por isso, se tornou numa petição quase impossível de ser resolvida pelas autoridades.

O movimento estudantil na ofensiva.

Em agosto, a greve se espalhou em uma boa parte dos centros de ensino superior da Cidade do México, incluindo outras universidades privadas, como a Iberoamericana e a Del Valle de México. Os estudantes

da capital viajaram para outros lugares do país e estabeleceram contato com outros alunos de diversas universidades do interior e organizaram centenas de pequenas brigadas que organizaram reuniões e comícios relâmpagos em praças, parques, ônibus, cinemas, ruas e mercados para comunicar à população os motivos do seu movimento.

No dia 13 foi realizada uma festiva passeata de 150 mil pessoas que culminou no Zócalo da Cidade do México⁵, que naquela época era considerado um espaço quase sagrado, em que só chegavam as manifestações organizadas pelo governo em turno para apoiar as suas políticas. As autoridades reagiram com uma grande campanha de desprestígio contra os estudantes, alegando que o movimento era o resultado de uma rebelião comunista organizada por agentes estrangeiros para boicotar a realização das Olimpíadas.⁶

No final daquele mês parecia que havia condições para uma negociação entre o governo e os estudantes. As autoridades continuavam com a sua campanha contra o movimento, mas também tornaram pública a sua proposta de negociar alguns pontos com o CNH. A resposta desse organismo foi propor que o governo necessitava manter um diálogo público, ou seja, em algum lugar onde pudesse estar presente a televisão, o rádio e a imprensa com uma comissão de representantes das 70 escolas em greve, o que resultava praticamente impossível. A desejada aproximação entre as duas partes nunca ocorreu e a estratégia do Governo foi fortalecer a repressão e o extermínio do movimento com todos os meios legais e clandestinos ao seu alcance.

No dia 27 de agosto aconteceu a maior manifestação de todo o episódio estudantil. Cerca de 400 mil pessoas caminharam pelo *Paseo de La Reforma*, principal avenida do centro da cidade, até o *Zócalo*, onde realizaram uma enorme festa e tocaram os sinos da Catedral, escutaram seu oradores protestar contra o governo e reclamar mais uma vez a que respondesse à declaração. Acenderam milhares de tochas quando já anoitecia, e terminaram cantando o hino nacional. No final, Sócrates Campos Lemus, um dos líderes da CNH, que tinha sido acusado pelos seus colegas como um agente infiltrado do governo no movimento, propôs diante da multidão que o diálogo público fosse realizado no dia 1º de Dezembro com o presidente Díaz Ordaz, no mesmo lugar: uma medida irracional e totalmente impraticável, que foi classificada como

o erro mais significativo do movimento, pois permitiu ao governo e aos meios de comunicação ignorar as dimensões da manifestação e centrar toda a atenção da opinião pública na irracional proposta do Conselho. Poucas horas depois, de madrugada, os militares reprimiram um plantão que os estudantes tinham instalado na praça, com 10 mil pessoas.⁷

No dia seguinte, as autoridades organizaram um ato público no mesmo lugar, para o qual foram obrigados a ir vários milhares de trabalhadores e funcionários do governo para protestar contra um suposto agravo à bandeira nacional, culpando os estudantes de ter substituído o lábaro pátrio por uma bandeira vermelha e preta na noite anterior. No entanto, o evento tornou-se caótico quando muitos estudantes misturados com os funcionários do governo começaram a protestar e o exército interveio com tanques para dispersar a multidão, enquanto alguns franco-atiradores do governo começaram a disparar contra as pessoas a partir de diferentes edifícios, como o da Suprema Corte de Justiça e do Hotel Majestic, bem ao lado da praça. As fotografias tiradas por vários repórteres da imprensa mostram a magnitude dos acontecimentos e representam atualmente um dos documentos mais importantes do episódio estudantil. As impressionantes imagens são testemunhas do enfrentamento desigual entre os soldados protegidos pelos seus tanques e a população civil desarmada.

O movimento estudantil na defensiva

O presidente Díaz Ordaz ameaçou os estudantes em seu relatório anual de governo, realizado no dia 1º de setembro e anunciou a decisão de tomar medidas drásticas para terminar com a rebelião. A maior parte da classe política e os meios de comunicação apoiaram sem ressalvas a figura presidencial e incrementaram a campanha de desprestígio contra o movimento, com o argumento de que a suposta rebelião comunista criada em Moscou e em Havana, destinada a destruir a estabilidade política do país e boicotear a realização das Olimpíadas, já estava a caminho. O reitor Barros Sierra também foi alvo de uma série de calúnias e ataques organizados pela presidência e impulsionados na prática por alguns deputados e senadores; ao perceber claramente a perigosa evolução dos acontecimentos, pediu aos alunos que voltassem às aulas. O assédio do governo era evidente nos primeiros dias de setembro e

agora já se sabe que a estratégia repressiva do governo foi desenhada durante esta etapa.

O CNH decidiu continuar com o movimento e organizou uma espetacular manifestação que ocupou novamente as ruas da cidade e percorreu mais uma vez a principal avenida do centro da cidade, em direção ao *Zócalo*. Foi conhecida como “a passeata do silêncio” e reuniu cerca de 250 mil estudantes que caminharam pacificamente e de forma ordenada com os seus cartazes. Dessa vez não houve nem gritos nem a bagunça festiva das manifestações anteriores. Muitos jovens usavam esparadrapos e fitas-crepe na boca para simbolizar a sua rejeição diante da estridência da campanha oficial contra eles.

A maior parte da imprensa não cobriu o evento e o minimizaram com pequenas notas publicadas em suas páginas internas. No entanto, alguns escritores como Daniel Cosío Villegas, -o historiador mais relevante do México no século XX- aplaudiram publicamente a manifestação estudantil e declararam que se tratava de uma resposta inteligente e pacífica de um setor independente, e que o governo não estava habituado a lidar com cidadãos livres que expressavam pacificamente as suas demandas.

Na noite do dia 15 de setembro o professor Heberto Castillo deu o tradicional *grito* da independência nacional⁸ numa festa realizada na esplanada central da Cidade Universitária. Apesar da repressão, os alunos se sentiram seguros dentro dos imóveis da UNAM e organizaram uma festa ao ar livre que terminou com a tradicional cerimônia histórica e exaltação cívica dos heróis da pátria. Apenas três dias depois a universidade foi ocupada pelas forças armadas, que prenderam centenas de jovens mas não conseguiram capturar os líderes do Conselho, que escaparam e se dispersaram em diferentes rumos do bairro vizinho. O reitor criticou a ocupação e apresentou, pouco tempo depois, seu pedido de demissão, que não foi aceito pelo Conselho Reitor da Universidade, o que significava o apoio das autoridades universitárias à postura crítica de Sierra de Barros.

Na madrugada do dia 24 foi realizada a ocupação militar do Instituto Politécnico Nacional. Foram utilizados 1500 policiais de ordem apoiados por um milhar de soldados, 13 tanques e 30 camionetes. No ato participou um esquadrão de pára-militares que o governo tinha

criado para reforçar a segurança durante as Olimpíadas, que recebeu o nome de batalhão “Olympia”. No norte da cidade, especialmente no bairro de Tlatelolco⁹, aconteceram verdadeiras batalhas campais entre os estudantes e os residentes desse conjunto de apartamentos e as forças armadas, deixando vários mortos e milhares de presos.

O massacre de Tlatelolco

O exército desocupou a cidade universitária no dia 30 de setembro. O ato foi interpretado por escritores e jornalistas como uma medida conciliatória que facilitava uma possível negociação. No mesmo clima de acordo, o Presidente designou dois representantes para iniciar um diálogo com alguns dos líderes da CNH. A reunião aconteceu na manhã do 2 de outubro na própria casa do reitor.

Na tarde desse mesmo dia foi realizado um comício de 10 mil pessoas na Praça das Três Culturas, em Tlatelolco. Os líderes do movimento instalaram uma tribuna no terceiro andar do prédio “Chihuahua” e a partir daí os oradores começaram seus discursos diante de uma multidão formada por estudantes, professores e pais. Às seis e quinze da tarde aproximadamente, um helicóptero que sobrevoava a praça lançou um par de sinalizadores. Era o sinal combinado com o batalhão “Olympia”, -cujos membros que estavam vestidos de civis distinguiam-se entre si pelo uso de uma luva branca na mão direita - para ocupar o terceiro andar do prédio e capturar os líderes estudantis.

O exército avançou com baionetas na mão para rodear a Praça. Os membros do “Olympia” começaram a atirar contra a multidão e tanto eles quanto os soldados revidaram os tiros, desatando o pânico entre a massa que ficou sem saída no meio do fogo cruzado. O tiroteio continuou durante várias horas e o resultado foi de 49 mortos, conforme as autoridades e mais de 300, segundo as estimativas independentes de várias agências de notícias.

A maior parte dos líderes estudantis, entre as quais estavam Raul Alvarez Garín, Gilberto Guevara Niebla, Eduardo Valle, “O Coruja” e Luis González de Alba, foram capturados e levados para o campo militar número 1 com outros 2 mil presos. Alguns fotógrafos realizaram corajosamente seu trabalho nessas condições e conseguiram algumas cenas chocantes que hoje fazem parte do registro documental sobre os

acontecimentos. Muitos viram confiscados com excesso de violência seus filmes e vários foram feridos pelos franco-atiradores governamentais posicionados nos edifícios e pelas baionetas dos soldados na praça, como foi o caso de Jaime Gonzalez e Ricardo Escoto, repórteres do jornal “Excelsior”.

Nos dias seguintes foi desatada uma feroz campanha para culpar aos estudantes pelos resultados do massacre. O governo negou a participação do batalhão “Olympia” nos acontecimentos e utilizou o poder judicial para fabricar delitos aos líderes e, posteriormente, prendê-los no Palácio negro de Lecumberri¹⁰. No dia 12 de outubro começou a comemoração dos XIX Jogos Olímpicos da Cidade do México. A festa foi opacada pelo luto e pelo temor que entristeceram milhares de famílias. O poeta Octavio Paz, que posteriormente obteve o Prêmio Nobel da Literatura, pediu sua demissão do cargo de embaixador na Índia e muitos escritores e intelectuais também protestaram pelos acontecimentos. O CNH terminou a greve no dia 4 de dezembro e os seus principais líderes permaneceram na prisão durante 2 anos.

O movimento de 68 e o foto-jornalismo

O movimento de 1968 mostrou os limites das antigas formas de governar da classe política e anunciou a necessidade de promover mudanças democráticas. Em seu relatório anual de governo à nação do dia 1º de setembro de 1968, o presidente Gustavo Díaz Ordaz argumentou que o movimento estudantil obedecia a “origens escuras e com fins inqualificáveis” e que em algumas semanas desapareceria da memória histórica.

De fato, aconteceu exatamente o contrário. Há quase quatro décadas, o antigo regime e as suas práticas autoritárias desabaram e, posteriormente, com novos parâmetros, os historiadores ainda estudam as conseqüências do movimento estudantil de 1968 na construção da vida democrática do México contemporâneo.

Apesar do anterior, este capítulo central da história política e cultural do país não foi estudado a partir do ângulo específico de uma história gráfica ou visual.¹¹ Não que as imagens estivessem ausentes na recuperação da memória histórica de 68. Pelo contrário, se tomamos como exemplo a clássica crônica de Elena Poniatowska, *A Noite de*

Tlatelolco, como ponto de partida de uma vasta produção literária e jornalística sobre os acontecimentos, veremos que a publicação de imagens fotográficas tem sido uma constante ao longo das três últimas décadas.¹²

A cobertura gráfica dos jornais e das revistas também foi, no momento, muito ampla e variada, mas não tem sido objeto de uma análise detalhada que estude suas possíveis contribuições à compreensão do episódio, de acordo com a complexa trama de relações entre a imprensa e o Estado, que caracterizaram aquela época.

O problema, do ponto de vista de uma história gráfica ou visual, consiste em que, na maioria dos casos, a publicação das fotografias não tem sido analisada em si e só têm desempenhado um papel complementar nas pesquisas dos especialistas, editadas como simples ilustrações dos textos escritos que as acompanham.

No final da década de sessenta predominava no México um esquema autoritário com uma censura generalizada que se manifestava no controle do conteúdo informativo dos jornais. No campo do foto-jornalismo, esse esquema implicava em um escasso reconhecimento aos fotógrafos e um espaço muito reduzido para o exercício da criatividade. Na maioria dos casos, a fotografia era utilizada para ilustrar a nota correspondente, e numa boa porcentagem dessas notas, as imagens apareciam publicadas sem o nome do autor.

Em geral, as ordens de trabalho para os fotógrafos implicavam um número limitado de imagens e uma linha editorial bastante rígida, perante a qual era necessário submeter-se. Uma das conseqüências previsíveis de tudo isso foi a ausência tanto de espaço para a experimentação e para a criatividade, como a subordinação às convenções visuais dominantes.

Uma revisão geral do papel desempenhado pela imprensa e pelo foto-jornalismo nos acontecimentos de 1968 proporciona um mapa bastante complexo. A pesquisadora Aurora Cano já fez uma primeira análise do conteúdo dos jornais mais destacados durante aquela época e mostra uma importante dispersão. Embora a regra geral fosse o controle governamental, a margem de distância crítica relativa às teses oficiais é bastante ampla, o que nos leva a concluir que, mesmo durante episódios e conjunturas críticos, como indiscutivelmente foi o caso ao qual fazemos referência, o autoritarismo do sistema político nunca

asfixiou completamente a presença da opinião pública, permitindo uma atmosfera de reflexão e discussão entre uma diversidade de posturas políticas e ideológicas.¹³

O foto-jornalismo gerado em torno do movimento estudantil de 1968 construiu um vasto universo gráfico elaborado a partir dos diversos interesses de repórteres, fotógrafos e jornalistas pertencentes a publicações que abrangeram um amplo espectro, que geralmente esteve subordinado às posturas oficialistas, mas que também impulsionou –mesmo que de maneira marginal– visões críticas e contestatórias. As características do foto-jornalismo mexicano e suas complexas relações de poder com a sociedade e o Estado podem ser observadas de modo privilegiado nesta conjuntura.

Esta cobertura fotográfica permite apreciar não só a evolução temática e estilística dos autores, e sim, acima de tudo, sua forma de conceber uma “estratégia visual”, vinculada à argumentação política e cultural da época, que não representou um mero reflexo de textos escritos, senão que incidiu sobre eles e ampliou a perspectiva de análise dos problemas sociais.

Em todo momento é conveniente reconhecer que essa estratégia não pode ser atribuída aos fotógrafos, mas deve ser entendida a partir da tensão gerada entre o autor da imagem e o lugar e o espaço que ela ocupa dentro da publicação jornalística, que lhe imprime uma orientação ideológica específica, entre outras coisas, a partir da legenda. Esta representa uma das estratégias editoriais com a qual foram publicadas boa parte das fotografias de 68. A ambivalência inicial dos primeiros dias de agosto, onde podem ser observados diferentes pés de página que aludem ao reitor e aos estudantes, foi diluindo-se conforme passaram as semanas, e o governo foi passando à ofensiva com uma estratégia repressiva que se manifestou, abertamente, até o final daquele mesmo mês, com a operação dos tanques no Zócalo e as ações perfeitamente estudadas dos franco-atiradores localizados em prédios do governo.

Tudo isso foi traduzido num coro muito mais homogêneo de legendas nas fotos, que demarcam a leitura das imagens e contrarrestaram a nível midiático o poder conseguido pelos estudantes nas ruas.

A interpretação desse discurso fotográfico permite abrir novas linhas de discussão em relação a esse período. A estratégia editorial ao redor das seqüências das imagens, que representa um ponto de vista narrativo com implicações políticas e culturais, está vinculada a problemas relevantes, que estão relacionados ao comportamento de alguns setores políticos, empresariais e intelectuais e seu vínculo com o poder.

Questões tais como a relação profissional dos fotógrafos com os meios de comunicação, a auto-censura e o grau de censura implícita e explícita prevalescente tanto na construção dos textos como das imagens fotográficas, as características do discurso visual construído por esses meios, as referências culturais e a cultura visual dos fotógrafos, o uso e manipulação das imagens através da diagramação e do exercício editorial dos jornais e das revistas, formam parte de uma série de problemas que estão ausentes na historiografia desses processos estudantis.¹⁴

Além disso, temos que considerar o impacto dos fotógrafos como parte da construção de um imaginário coletivo em torno do movimento estudantil dirigido à opinião pública da época, os diversos graus de acolhida entre os diferentes setores sociais em geral, e por parte dos líderes e protagonistas do movimento, a apropriação e a rejeição de algumas imagens por parte dos líderes e o seu grau de incidência na configuração estratégica desse movimento.

No caso específico dos foto-jornalistas, a censura e o controle foram traduzidos numa margem mínima de manobras para produzir as suas imagens. As demandas de trabalho cotidiano da maioria dos jornais limitava-se a um restrito número de fotografias cujo objetivo central era realizar um registro convencional dos acontecimentos e poucas foram as exceções de jornais interessados em desenvolver uma estratégia visual mais ampla.

Convém reconhecer que a margem de independência dos fotógrafos nestes casos era e continua sendo muito reduzida, e que a decisão sobre a publicação das fotos, a inserção e a diagramação editorial corresponde a outras instâncias dos jornais, mais próximos à perspectiva dos diretores e dos responsáveis da publicação.

Uma análise foto-jornalística do movimento estudantil de 1968 revela, entre outras coisas, uma intensa e aguda luta pelo controle e

difusão das imagens, que teve uma carga simbólica muito poderosa e que desempenhou um papel protagônico de primeira ordem na leitura e revisão dos acontecimentos por parte da opinião pública e de outros setores governamentais.

É conveniente fazer uma distinção importante no material publicado nos jornais e nas revistas. No caso dos jornais foi imposto nas redações o ritmo vertiginoso da notícia, de forma que o fotógrafo de imprensa é o que tem menos tempo para compor suas imagens e o que recebe mais pressões para restringi-las à cobertura do acontecimento estritamente designado.

Em relação às revistas ilustradas e aos suplementos culturais, houve um espaço editorial mais amplo para preparar e acomodar o material fotográfico; por conseguinte, os foto-jornalistas puderam propor seqüências, e embora a notícia continuasse desempenhando um papel relevante, a sua apresentação teve que equilibrar-se entre um trabalho editorial, que privilegiava a composição, e uma reflexão global dos fatos.

Uma primeira leitura e interpretação das imagens publicadas pela imprensa e revistas ilustradas na conjuntura de 68, permitiu aproximarmo-nos do ponto de vista de setores sociais muito significativos do México da época e a sua relação com o poder. Vejamos alguns exemplos procedentes de diferentes lugares políticos e ideológicos.¹⁵

El Heraldo de México era um jornal representativo de alguns importantes grupos empresariais, intimamente ligados ao presidente Díaz Ordaz. *El diario que piensa joven* manteve uma cobertura foto-jornalística ampla e variada, registrando os diferentes episódios do movimento estudantil com distintas seqüências fotográficas. De fato, a censura se tornou explícita na cobertura gráfica da ocupação militar da Cidade Universitária, em meados de setembro, com a publicação de um número reduzido de imagens sobre esse importante acontecimento, -questão que desmereceu o amplo número de imagens apresentadas nas semanas anteriores pelo próprio jornal – e, sobretudo, após a tragédia do 2 de outubro, com a publicação de somente três fotografias na primeira página do dia seguinte, e nenhuma fazia referência ao massacre nem evidenciava os efeitos negativos da operação policial-militar realizada naquela tarde em Tlatelolco.



1. *El Herald de México*. El mitin de Tlatelolco antes de la masacre. Sin crédito fotográfico. 3 de octubre del 2008. Biblioteca Lerdo de Tejada. SHCP

O resto dos acontecimentos foi coberto graficamente por uma dezena de fotógrafos do próprio jornal, que os acompanharam com registros mais ou menos convencionais do discurso das autoridades, mas que também se aproximaram a diversas cenas urbanas que hoje em dia constituem importantes testemunhos da maneira como diversos grupos sociais conviveram e enfrentaram as operações policiais e militares realizadas pelo governo naquela difícil conjuntura vivida na Cidade do México.

O jornal *Excelsior*, dirigido pelo jornalista Julio Scherer a partir do 1º de setembro daquele ano, aglutinava um grupo de escritores e intelectuais progressistas, liderados pelo historiador Daniel Cosío Villegas, e desenvolveram uma interpretação muito importante dos acontecimentos de 68, que tem sido uma referência fundamental para as leituras e interpretações historiográficas posteriores. Sua cobertura fotográfica gerou um discurso de baixo perfil e com isto “*El periódico de La vida nacional*” apostou pela qualidade do seu grupo de colaboradores e optou por criar uma linguagem e uma proposta muito mais convencional e conservadora a nível fotográfico.

ALBERTO DEL CASTILLO TRONCOSO

A exceção mais notável, que contradiz as anteriores, ocorreu precisamente com a intervenção militar em Tlatelolco no dia 2 de outubro, e foi particularmente visível no dia seguinte do massacre, com a publicação da ocupação e das agressões e humilhações diretas realizadas pelos soldados contra os estudantes, e inclusive, contra fotógrafos do próprio jornal.



SONRIENTES, TRES SOLDADOS y un teniente inician el corte del largo cabello de uno de los detenidos en el edificio Chihuahua, de Santiago Tlatelolco; Al fondo, contra la pared y con las manos en la nuca, se encuentran varios de los detenidos.

2. *Excélsior*. Agresión de los militares contra los estudiantes en Tlatelolco. 3 de octubre de 1968. Sin crédito fotográfico. Biblioteca Lerdo de Tejada. SHCP

A revista *Time*, dirigida em 1968 pelo conhecido escritor Martin Luis Guzmán, manteve uma postura oficialista e de rejeição ao movimento estudantil, com editoriais e artigos de conteúdo previsível, que repetiam os enfoques já mencionados da teoria de conspiração do governo, segundo a qual um grupo de perigosos comunistas locais, numa obscura mancomunagem com Cuba e a União Soviética, tentavam desestabilizar a nação em plena Olimpíada.¹⁶

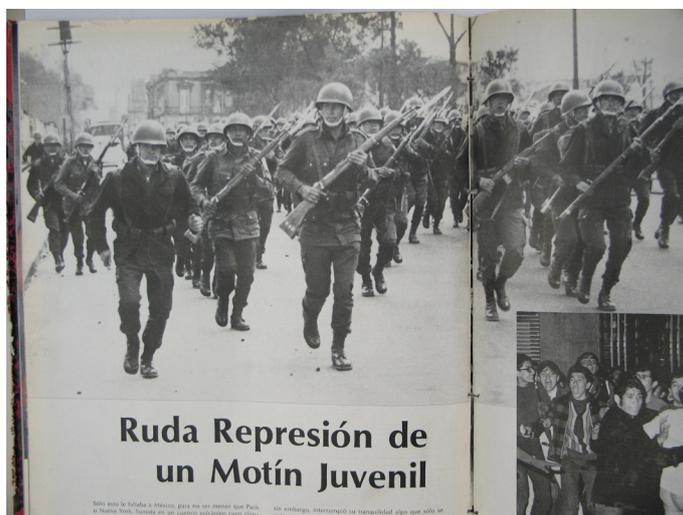
Um elemento sugestivo do trabalho editorial desta revista foi a incorporação das imagens fotográficas dos Hemanos Mayo, – um lendário grupo de fotógrafos esquerdistas procedentes da guerra civil

espanhola que fizeram história no foto-jornalismo mexicano de meados do século passado – às páginas da publicação.

A chave para toda a questão baseia-se precisamente nas legendas, que se encarregaram de satanizar os estudantes de acordo com a teoria conspirativa do governo, apesar da contundência de algumas imagens, como no caso do soldado que parece apontar com a sua baioneta para o corpo de um estudante que está de barriga pra baixo na esplanada da Cidade Universitária, enquanto faz o sinal de vitória com a mão direita e esboça um amplo sorriso de cumplicidade com a câmera.

A revista “*Life, en español*” desempenhou um papel importante na divulgação das fotografias da imprensa na década de sessenta, no caso mexicano. O férreo controle estatal de televisão e da maior parte dos meios gráficos de comunicação na conjuntura de 68 fez com que a publicação se tornasse um ponto de referência alternativo, que gerou um certo equilíbrio e ponderou pontos de vista críticos e independentes.

Uma das vertentes de produção gráfica da revista foi a sua preocupação em buscar uma explicação para a proliferação das rebeliões estudantis que sacudiram todo o planeta. Perante a diversidade política das manifestações, que foram combatidas tanto pelos regimes capitalistas



3. Revista *Life en español*. Enfrentamiento de soldados contra estudiantes en la ciudad de México. José Dávila Arellano. 7 de agosto de 1968. Colección Particular.

como pelos socialistas, o enfoque desenvolvido pela publicação orientou-se em questões de caráter psico-social: adolescentes rebeldes exercendo o seu direito ao parricídio e questionados por uma ordem normativa adulta hierárquica e vertical, mais voltada à repressão que ao consenso.

Fiel aos seus princípios, a revista cobriu os acontecimentos através de breves reportagens fotográficas nas quais as imagens foram impressas em formatos grandes.

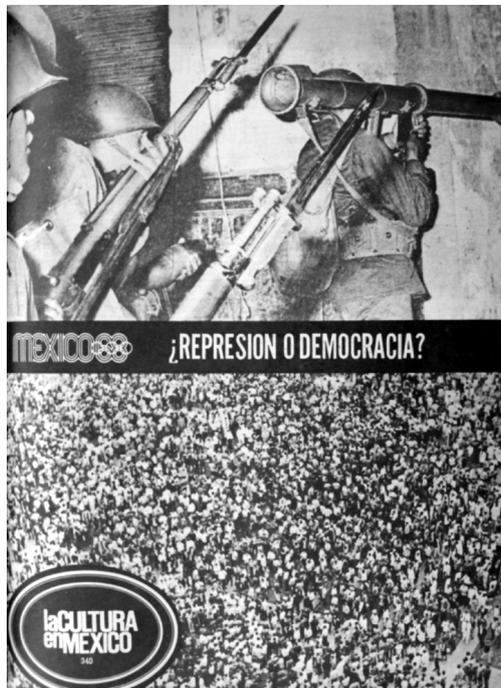
“La cultura en México”, o importante suplemento cultural da revista *Siempre!*, sob a direção do jornalista Fernando Benitez, contratou os serviços de figuras muito sólidas no ofício, como é o caso de Héctor García, quem realizou uma ampla cobertura dos diversos episódios do movimento estudantil com um estilo pessoal que representava, ao mesmo tempo, um testemunho e um ponto de vista sobre os acontecimentos. A gestão editorial dessas imagens gráficas permitiu contextualizar o trabalho gráfico com a colaboração de alguns dos escritores mais importantes do México no século passado: Carlos Fuentes, Juan García Ponce, Sergio Pitol, José Emilio Pacheco e Carlos Monsiváis.

Para concluir esta breve lista, é importante mencionar o caso da revista *¿Por que?*, uma publicação dirigida pelo polêmico jornalista do estado mexicano de Yucatán, Mario Renato Menendez, que dedicou, com grande sucesso em difusão, várias reportagens ao Movimento, publicando um número bastante significativo de fotografias, a maioria delas sem o nome do autor, e que representou um ponto de referência importante para a comunidade estudantil, apesar de seu tom radical e da manipulação sensacionalista da apresentação de uma boa parte das ilustrações.

Em resumo, a narração visual que surge a partir das imagens fotográficas publicadas em todos estes jornais e revistas obriga o leitor a desenvolver um olhar global e recuperar as diferentes atmosferas, tanto festivas como de repressão, e os diversos confrontos ocorridos na Cidade do México entre julho e outubro daquele ano.

Um reconhecimento da cobertura fotográfica e as suas implicações permitem repensar alguns aspectos do atual estado das pesquisas em relação a 68, especialmente quando se trata da construção de uma história social e cultural preocupada com aspectos tais como o

O MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1968 NA CIDADE DO MÉXICO VISTO [...] FOTOGRAFIA



4. Suplemento “La cultura en México”. Destrucción militar de la puerta barroca de San Ildefonso en la ciudad de México. Héctor García. 13 de septiembre de 1968. Biblioteca Lerdo de Tejada. SHCP.



5. Revista *¿Por que?* Homicidio de un niño en la masacre de Tlatelolco. Sin crédito fotográfico. Segundo número extraordinario. Octubre de 1968. Colección particular.

conceito de juventude, questões de gênero e outras temáticas como a vida cotidiana. Todos esses temas formaram parte da luta permanente pelo controle e divulgação das imagens, uma pugna com conotações simbólicas muito importantes.

A ampla cobertura foto-jornalística de 68 confirma que o autoritarismo presidencial da época controlou e manipulou a opinião pública, mas nunca desapareceu completamente, tal como aconteceu em alguns regimes latino-americanos totalitários da década dos setenta.

As repercussões do movimento

O movimento estudantil de 1968 mostrou claramente o esgotamento dos recursos de um regime que tinha as ferramentas para negociar com as organizações populares sob o seu controle, mas que ao mesmo tempo foi incapaz de discutir com grupos de cidadãos independentes que pediam maiores liberdades políticas. A repressão governamental teve conseqüências bastante negativas para a vida política da nação. Nos anos setenta foram incrementadas as ações da guerrilha com a participação de centenas de jovens, que não viram outras possibilidades de transformação pacífica e de solução para os grandes problemas nacionais. No entanto, nas seguintes três décadas também foi consolidada uma reforma política que impulsionou gradualmente uma modificação das rígidas condições políticas imperantes no país.

O movimento de 1968 evidenciou os limites das velhas formas de governar da classe política e anunciou a necessidade de impulsar mudanças democráticas. Em seu Relatório anual de governo à nação, no dia 1º de setembro de 1968, o presidente Gustavo Díaz Ordaz disse que o movimento estudantil obedecia a “origens obscuras e com fins inqualificáveis” e que a qualquer momento desapareceria da memória histórica. De fato aconteceu exatamente o contrário. A quase quatro décadas de distância, o antigo regime e as suas práticas autoritárias desapareceram quase completamente e historiadores ainda estudam as repercussões do movimento estudantil de 1968 na construção da vida democrática do México contemporâneo.

Com 40 anos de distância, a discussão pode ser enfocada em dois fatores: o primeiro, com uma carga política e jurídica, está orientado na necessidade de estabelecer justiça e não proteger a impunidade dos

responsáveis pelo massacre, e o segundo, com uma carga mais cultural, está focado na necessidade historiográfica de que a tragédia do 2 de outubro não desloque outros aspectos centrais do movimento e impeça a sua completa avaliação.

É em torno desta última parte que os estudos gráficos poderão render mais frutos nas próximas décadas, ilustrando a grande festa pela democracia entabulada pelos cidadãos mexicanos no verão de 68.

Bibliografia

AGUAYO, Sergio. Los archivos de la violencia. Grijalbo: México, 2001.

BOLTANSKY, Luc, “La retórica de la figura”. In BORDIEU, Pierre (Comp.), La fotografía. Un arte intermedio. Nueva Imagen: México, 1989.

CANO, Aurora, “Los libros y la prensa”, In GONZÁLEZ, Silvia, (Coord.), Diálogos sobre el 68, Instituto de Investigaciones Bibliográficas: México, 2004.

DEL CASTILLO, Alberto: “Fotoperiodismo y movimiento estudiantil de 1968. El caso de El Herald”, Revista Secuencia nº. 60, sep/dic 2004.

-----“Historias del 68. A cobertura foto-jornalística do jornal Excélsior. “El periódico de la vida nacional””, Revista Historias nº. 59, Set/Dez 2004.

-----“La frontera imaginaria. Usos y manipulaciones de la fotografía en México”, Revista Cuicuilco nº. Maio/Agosto 2007.

DÍAZ, Mario (Comp.). Imagen e Historia. Marcial Pons-Asociación de Historia Contemporánea. Madri,1996.

FERNÁNDEZ, Christlieb Fátima, Información colectiva y poder en México. Tese da Faculdade de Ciências e Técnicas da Informação. UIA: México, 1975.

-----“Prensa y poder en México”, em: Estudios Políticos, UNAM, Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, 1975. v.1, Julio/Setembro, pp. 29-65.

FREEDBERG, David, El poder de las imágenes. Cátedra, Col. Arte. Barcelona, 1989.

FREUND, Gisselle. La fotografía como documento social. Ed. Gustavo Gilly. México, 1981.

GUBERN, Roman, Mensajes icónicos en la cultura de masas. Lumen, Barcelona, 1974.

KOBRÉ, Kenneth, Photojournalism: The professional's approach. Washington: Butterworth-Heinemann, 1991.

LUHMANN, Niklas, La realidad de los medios de masas. Mexico: UIA-Anthropos, 2000.

MARWICK, Arthur, The Sixties. Cultural Revolution in Britain, France, Italy and United States, c.1958-1974. Oxford: Oxford University Press, 1998.

MONROY, Rebeca. “A corazón abierto: una aproximación metodológica a la investigación fotohistórica”. Palestra apresentada no Primeiro Congresso Internacional sobre imagens e pesquisa social, Instituto Mora, Cidade do México, 29-31 de Outubro de 2002.

MRAZ, John, “Una historiografía crítica de la historia gráfica”, publicado na Revista Cuicuilco, nº. 13, Maio-Agosto de 1998.

-----“Fotografiar el 68”, Política, Universidad Autónoma Metropolitana, s/d.

PONIATOWSKA, Elena, La noche de Tlatelolco. Mexico: ERA, 1970.

RODRIGUEZ, Rafael. Prensa vendida. Los periodistas y los presidentes: 40 años de relaciones. Mexico: Grijalbo, 1993.

SCHUDSON, Michael, “News, Public, Nation”, In American Historical Review, 107, 2 (Abril, 2002).

VILCHES, Lorenzo. Teoría de la imagen periodística. Barcelona: Paidós Comunicación, 1993.

Notas

- ¹ MORALES, Alfonso “ La Venus se fue de juerga. Ámbitos de la fotografía mexicana, 1940-1970”, In KRINSKY, Emma García. Coord. Imaginarios y fotografía en México, 1839-1970. Madri: Lunwerg, 2005.
- ² Este corpo especial é conhecido no México como “Granaderos” e foi usado muitas vezes para reprimir, principalmente, manifestações e passeatas. Pode ser considerado equivalente aos policiais do DOPS do BRASIL na época da ditadura.
- ³ Mais informação sobre o tema, pode ser encontrada em: GARIN, Raúl Alvarez. La estela de Tlatelolco. Una reconstrucción histórica del movimiento estudiantil del 68. Mexico: Itaca, 2002.
- ⁴ BELLINGHAUSEN, Hermann e HIRIART, Hugo. Coords. Pensar el 68. Mexico: Cal y arena, 1988.
- ⁵ O “Zócalo” é a principal praça pública da Cidade do México, lugar onde se localizam as sedes dos poderes políticos e eclesiásticos do país e onde se realizam muitas das manifestações políticas e sociais do país.
- ⁶ O registro mais completo da rebelião estudantil pode ser encontrado em: RAMIRÉZ, Ramón. El movimiento estudiantil de México. Ensayos y documentos. México: ERA, 1969.
- ⁷ Uma das melhores auto-críticas do movimento estudantil pode ser encontrada em: NIEBLA, Gilberto Guevara. La libertad no se olvida. México: Cal y arena, 2004.
- ⁸ O chamado “grito” de independência é o mais importante ritual político do México moderno. Na noite do dia 15 de setembro é comemorada a independência política do país da Espanha e o presidente glorifica os heróis da independência perante uma multidão no Zócalo. Por isso, o “grito” do professor Heberto Castillo ante os estudantes representou uma simbólica e importante carga subversiva.
- ⁹ Tlatelolco é um conhecido bairro na Cidade do México onde se localizam a Praça das Três Culturas, as ruínas de um mercado dos Astecas e onde foi construído no começo dos anos sessenta um famoso projeto habitacional planejado para 15 mil residências distribuídas em prédios multi-familiares, também conhecido como Nonoalco-Tlatelolco.
- ¹⁰ O Palácio de Lecumberri, também conhecido como o “Palácio negro de Lecumberri”, foi uma importante prisão inaugurada em 1900, tornando-se, em 1982, o Arquivo Geral da Nação.

ALBERTO DEL CASTILLO TRONCOSO

- ¹¹ No que diz respeito ao conceito de “história gráfica” ver o artigo de MRAZ, John. “Una historia crítica de la historia gráfica”, pp. 77-92, publicado na revista Cuicuilco, nº. 13. Maio-Agosto de 1998.
- ¹² PONIATOWSKA, Elena. La noche de Tlatelolco. Mexico: ERA, 1970.
- ¹³ CANO, Aurora. “Los libros y la prensa”, In GONZÁLEZ, Silvia Diálogos sobre el 68. Mexico: Instituto de Investigaciones Bibliográficas, 2004.
- ¹⁴ Uma reflexão mais ampla sobre este tema pode ser vista em TRONCOSO, Alberto del Castillo. “El fotoperiodismo y el movimiento estudiantil” In VÁZQUEZ, Álvaro. Coord. Memorial del 68. Mexico: UNAM/Turner, 2008.
- ¹⁵ Ver a este respeito em DEL CASTILLO, Alberto “Fotoperiodismo y movimiento estudiantil de 1968. El caso de El Heraldo”. Revista Secuencia nº. 60, Set/Dez 2004 e “Historias del 68. A cobertura foto-jornalística do jornal Excélsior. “El periódico de la vida nacional””, Revista Historias nº. 59, Set/Dez 2004 e “La frontera imaginaria. Usos y manipulaciones de la fotografía en México”. Revista Cuicuilco nº. Maio/Agosto 2007.
- ¹⁶ Uma avaliação significativa do papel desempenhado por esta teoria e uma análise rigorosa e documentada da natureza paranóica do regime de Díaz Ordaz pode ser visto em AGUAYO, Sergio. Los archivos de la violencia. México: Grijalbo, 2001.

ÁFRICA E OS DESAFIOS DA CIDADANIA E INCLUSÃO: O LEGADO DE MÁRIO DE ANDRADE¹

Carlos Lopes*

Resumo: Este artigo trata de Mário de Andrade, não o escritor brasileiro, mas uma importante liderança dos movimentos de libertação da África. Fundador do Movimento pela Libertação de Angola (MPLA), foi um dos expoentes intelectuais africanos de língua portuguesa. Neste artigo pretende-se discutir questões relevantes ligadas a esse processo, como as idéias de nacionalismo, pan-africanismo, negritude e cidadania.

Palavras-chave: África, nacionalismo, pan-africanismo, inclusão social.

Abstract: This article discusses the role of Mario de Andrade, an important leadership of Africa liberation movements. Founder of the Movement for the Liberation of Angola (MPLA), he was one of the most prominent intellectuals in the African Portuguese-speaking world. This article aims to discuss some of the ideas related to the liberation movement, such as nationalism, pan-africanism, blackness and citizenship.

Key words: Africa, nationalism, pan-africanism, social inclusion.

Para muitos aqui presentes o nome de Mário de Andrade não despertará imediatamente a atenção. Para outros lembrará, no entanto, uma memória importante.

* Diretor do Instituto de Pesquisa da ONU (UNITAR) em Genebra.